



Cláudio Brito

Jornalista
claudio.brito@gruposinos.com.br

Imprensa livre é garantia democrática

Em termos históricos, não faz tanto tempo que a verdade sobre liberdade de imprensa se escancarou. Foi em 1991, no dia 3 de maio, que a Unesco, segmento da Organização das Nações Unidas (ONU), cumprindo a finalidade primordial de atender educação, ciência e cultura, promoveu a liberdade de imprensa em todo o mundo, em encontro internacional realizado na Namíbia.

Aprovou-se a chamada Declaração de Windhoek, com fundamentos do que viria a ser a “necessidade de uma imprensa livre como fator essencial

para qualquer sociedade democrática”. A partir dos princípios que nortearam o encontro, ocorrido em solo africano, promoveu-se a indispensabilidade de existir uma “Imprensa Africana Independente e Pluralista”. A ONU, em 1993, difundiu os resultados do encontro e a data foi adotada como de celebração da liberdade de imprensa no mundo inteiro.

Consigo valorizar, curtir e aplaudir o que fixaram desde então. Sei o que é liberdade de imprensa, pois sofri bastante por sua falta. Trabalhei em redações povoadas por agentes da Di-

tadura, que liam os originais escritos pelos profissionais do jornalismo, alterando-os ou mesmo eliminando a possibilidade de publicação.

A democracia supõe a imprensa correta e verdadeira. Dizendo coibir mentiras, as ditaduras ocultam a verdade. E a liberdade se esvai.

O dia 3 de maio coincide com a primeira Assembleia Constituinte do Brasil, em 1823. A imprensa não conseguiu denunciar o perfil de uma aristocracia agrária dominante entre os constituintes. A liberdade de imprensa, então, era apenas um sonho.

Promotor de Justiça
epa1966@hotmail.com

Eugênio Paes Amorim

Insensibilidade moral

Como preâmbulo, registro meu respeito pela classe da advocacia e seu exercício profissional, admitindo, por óbvio, que por vezes algumas pessoas podem ser injustamente acusadas e até mesmo condenadas, daí a importância de uma boa defesa no estado democrático de direito.

Todavia, escrevo estas linhas simplesmente estarecido com caso recente de julgamento pelo Tribunal do Júri de Comarca do Vale do Sinos, onde um assassino sanguinário saiu livre de plenário, com o vangloriar do advogado e seus séquitos das redes sociais – o paraiso dos idiotas! Daí passo a me inda-

gar sobre a consciência e a moral dos operadores do direito e de todos que direta ou indiretamente visitam a área do Direito Criminal, notadamente do Tribunal do Júri.

Notem que o promotor de Justiça jamais atua contra sua consciência, podendo e devendo pedir a absolvição ou uma pena menor ao réu quando entender seja o caso. Mesmo quando ele erra, supondo o réu culpado, não pugna contra sua consciência, mas, como dito, em erro de avaliação.

Diferente é a situação de advogados criminalistas e defensores públicos no geral. Defendem com unhas e

dentes réus que julgam ser inocentes – acertando ou não como os promotores – mas no mais das vezes, com as mesmas unhas e dentes, defendem bandidos sanguinários que cometeram crimes horrendos, mesmo sabendo que seu réu é culpado e mereceria a prisão. E o mais incrível: quando conseguem a obtenção da vergonhosa injustiça alardeiam pelas redes sociais suas vitórias em atos de absoluto egoísmo e insensibilidade moral. Mas a rede dos insensíveis imorais não para por aí: Lá vai uma gadaria imensa de estudantes, colegas e simpatizantes, reverenciar a porcaria que foi feita!

Palestrante comportamental
palestrante@marcocassel.com.br

Marco Cassel

Sobre a ausência necessária

Sinto falta de ausência. A tecnologia que nos aproxima tanto, impede-nos de sentir saudade. “Estamos” com nossos amigos, pessoas queridas, o tempo todo. Conversamos quase que ininterruptamente com namorados, amigos e familiares.

A tecnologia é imprescindível aos negócios e às empresas, porque possibilita a comunicação contínua e necessária. Mas será que precisamos nos comunicar o tempo todo com as pessoas que amamos?

Sinta saudade, experimente a solitu-

de, converse consigo mesmo para que se revelem suas falhas e acertos. Entenda-se para entender melhor os outros. Fique um pouco afastado e perceba brotar em si a necessidade do encontro. A melhor maneira de perceber quanto o outro é importante é ficando um pouco distante. Permita-se sentir saudade dos amigos, namorado e familiares, mesmo que por pouco tempo e experimentalmente usufruir do que chamo de “ausência temporária”, sabendo que as pessoas que lhe são queridas estão logo ali e que, logo, poderá abraçá-las, rir com

elas ou até mesmo realizar aquela chaminha de vídeo tão esperada e necessária. Então, quando estiver com a pessoa amada, isso será motivo de muita vibração, quando se reunir com amigos e familiares sentirá imensa satisfação e alegria por estar com eles.

Sentir essa saudade “gostosa” é bom e fundamental para percebermos a importância das pessoas em nossa vida e que precisamos uns dos outros em nossa caminhada, para aprendermos a viver e amar com intensidade, completude e humanidade. Sinto falta de ausência.

Nestor Luiz Trein

Professor
nestorluiztrein@gmail.com

Parábola do trem

Pois vocês certamente conhecem a parábola judaica, quando a Mentira sorratamente põe as vestes da Verdade, após convencê-la a se banharem nus no rio. A Verdade se negou a vestir as vestes da Mentira e saiu nua a caminhar, na certeza que nenhum constrangimento seria pior do que vestir-se com a Mentira.

Ao ler uma publicação da Alice Bemvenuti, diretora do Museu do Trem, em homenagem aos 150 anos da saída em 14 de abril de 1874 do primeiro trem na estação de São Leopoldo, fica-se sabendo, que no ano de 1950 (quando eu nasci), o transporte ferroviário foi responsável pela entrega de 672.299 sacas de trigo, 326.927 unidades de couro salgado, 103 caixas de vinho, complementado via fluvial de 2.782 sacas de trigo e 458 couros salgados.

Esta era a forma de movimentar nossa economia

gaúcha, até vir a Mentira, incentivada por governos estrangeiros, em troca de respaldo a tomada do poder ditatorial no Brasil em 1964, cobrindo com suas vestes nossa malha ferroviária com a maior “atochada” de que o transporte rodoviário era a redenção.

Lembram-se do “sem caminhão o Brasil para”? Pois é, deu no que deu. Bilhões de dólares para produtores e intermediários do petróleo, uma malha viária sem as mínimas condições de estrutura, fretes altíssimos, acidentes ceifando vidas e destruindo famílias, etc e etc.

Por isto, concordo com a opinião sempre brilhante neste espaço, de Cláudio Brito, quando afirma, fazendo coro a campanha da ARI: Duvidar para saber a verdade. Pois esta, embora tardia, embora nua pelo embuste dos mentirosos, está a provar que as parábolas se repetem.

Angela Berthon

Jornalista
angelaberton@terra.com.br

Quanto vale uma vida?

O incêndio da pousada em Porto Alegre, que vitimou pessoas em casos de vulnerabilidade social e deixou feridos, traz à tona um problema já vivenciado no Estado. A causa do incidente ainda não foi determinada, mas, segundo os Bombeiros, o estabelecimento não tinha alvará para funcionar como hospedagem ou plano de prevenção contra incêndio.

Popularizado depois do incêndio da boate Kiss, PPCI é uma obra de ficção em boa parte em nosso Rio Grande. Tragédias como estas na pousada da Avenida Farrapos, em Porto Alegre, nos obrigam a olhar para o futuro escaneando o passado para identificar o conjunto de falhas que criou o cenário para o incêndio. Foi assim no caso da Kiss, com seus 242 mortos, na tragédia coletiva onde nunca vamos esquecer. Como nos acidentes com aviões, é um conjunto de erros ou omissões somados que explica o sinistro. A isso não

se pode chamar de fatalidade e sim imprudências que devem ser apuradas com mais rigor.

O caso ilustra a importância do cumprimento das normas de segurança e prevenção em empresas. Além de haver protocolos obrigatórios para operações comerciais, treinamentos e boas práticas podem reduzir os riscos e a gravidade de incidentes. Tanto o incêndio em Porto Alegre quanto em Santa Maria, ocorreram em locais sem que o poder público tenha avaliado o funcionamento seguro. Para além da punição criminal dos envolvidos, ambos os casos lembram que o poder público vem fazendo pouco para evitar esse tipo de tragédia.

Enquanto isso, seguimos reduzindo biografias às cinzas, sem que os agentes públicos sejam realmente incomodados devido ao limbo de responsabilidades. Afinal para o Poder Público quanto vale uma vida?

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Os diversos cenários que as enchentes fazem surgir. Animais “amontoados” fugindo da água.

Débora Ertel
Novo Hamburgo

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcmas.com/
opiniao